



ACIDENTES DOMÉSTICOS E MAUS-TRATOS INFANTIS DURANTE O DISTACIAMENTO E PANDEMIA DE COVID-19: REPORTE DE PAIS, CUIDADORES E RESPONSÁVEIS LEGAIS DE CRIANÇAS DE 0 A 12 ANOS

CAROLINA RAPOSO DE MOURA¹; CAMILA AMARAL²; JAIANE FREITAS DE
FARIA³; LETÍCIA REGINA MORELLO SARTORI⁴; PATRÍCIA OSÓRIO
GUERREIRO⁵; LUÍSA JARDIM CORREA DE OLIVEIRA⁶

¹Universidade Católica de Pelotas – carolina.moura@sou.ucpel.edu.br

² Universidade Católica de Pelotas – camila.amaral@gmail.com

³Universidade Católica de Pelotas – jaiane.faria@sou.ucpel.edu.br

⁴Universidade Federal de Pelotas - letysartori27@gmail.com

⁵Universidade Católica de Pelotas – patricia.guerreiro@sou.ucpel.edu.br

⁶Universidade Católica de Pelotas – luisacorreadeoliveira@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19 (*Coronavirus Disease 2019*) tem alterado a rotina de grande parte da população mundial. Com o avanço da transmissão da doença e a ocorrência de transmissão comunitária, medidas de contenção social têm sido adotadas. Dentre as medidas recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para o combate à pandemia, destaca-se o isolamento dos casos suspeitos e o distanciamento social (MARQUES et al, 2020). O distanciamento social resultou no fechamento de escolas, interferindo na rotina e nas relações interpessoais das crianças. Causando diversas reações emocionais e alterações comportamentais, entre elas destacam-se: dificuldades de concentração, irritabilidade, medo, inquietação, tédio, sensação de solidão, alterações no padrão de sono e alimentação (BRASIL, 2020).

Além disso observa-se um aumento da violência contra crianças e adolescentes durante o período de distanciamento. De acordo com a OMS, a violência pode ser de natureza física, sexual, psicológica, em forma de privação ou abandono (BRASIL, 2020). Ao fazer uma breve revisão sobre o assunto, observa-se que diferentes nações, tais como China, Reino Unido, Estados Unidos, França e Brasil obtiveram um aumento de denúncias (MARQUES et al, 2020). Evidências mostram aumento no índice violência infantil durante os períodos de encerramento escolar associados a emergências complexas, características da pandemia da COVID-19. Além disso, o maior tempo em casa pode predispor a criança a acidentes domésticos, como quedas, queimaduras e mordeduras por animais domésticos (UNGLERT, SIQUEIRA, CARVALHO, 1987).

Desta forma, o objetivo deste estudo é avaliar a prevalência de maus-tratos infantis e de acidentes domésticos sofridos por crianças de 0 a 12 anos durante a pandemia e distanciamento social causados pela COVID-19.

2. METODOLOGIA

Estudo transversal aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Pelotas (nº 4.212.463). A coleta de dados foi através de questionário on-line anônimo e autoaplicado aos pais ou responsáveis legais de crianças de 0 a 12 anos de idade e hospedado na Plataforma *Google Docs*. Todos os participantes foram informados dos objetivos do estudo, possíveis riscos



(desconforto em responder questões sobre acidentes e maus-tratos) e pesquisadores envolvidos e concordaram em participar, assinalando a resposta “sim” no formulário eletrônico do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido onde somente após redirecionado para o questionário.

O questionário foi pré-testado on-line por oito usuários de Unidades Básicas de Saúde do município de Canguçu (Rio Grande do Sul, Brasil), a fim de verificar clareza e escrita das questões, organização do questionário e o tempo de resposta. Apenas uma questão foi julgada de difícil entendimento por 3 respondentes e foi adequada para compor o questionário final. O tempo de resposta estimado foi de 15 minutos. A população alvo do questionário final foi composta por usuários dos serviços de saúde (grupo UBS) coordenados pela Universidade Católica de Pelotas na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil (UBS Py Crespo, UBS Areal, UBS Caic Pestano, UBS Sanga Funda, UBS União de Bairros, UBS Fátima, Hospital Universitário São Francisco de Paula e Ambulatório Olivé Leite) e população em geral (grupo Redes Sociais). Inicialmente, os entrevistados do grupo UBS foram convidados a participar por meio de grupos no aplicativo WhatsApp®, onde receberam um link para acessar o formulário. Em seguida, foi disponibilizado um link para o público em geral nas redes sociais, Instagram® e Facebook®, utilizando publicações no perfil da pesquisa (@pesquisaconvivendoemfamilia).

O questionário final incluía 37 perguntas fechadas divididas em 5 blocos de questões: Bloco A-Perfil Sociodemográfico, Bloco B-Ensino e Comportamento da Criança, Bloco C-Alimentação e Saúde Geral da Criança, Bloco D-Saúde Bucal e Bloco E- Convívio Familiar, Acidentes e Abuso. Pais com filhos múltiplos foram aconselhados para responder a pesquisa com base no filho mais velho da família, em blocos B, C e D de questões do questionário. Neste estudo serão abordados os blocos A e E, que continham questões sobre características das famílias e participantes e ocorrência de maus-tratos infantis (abuso físico, psicológico e negligência durante a pandemia e, se haviam ocorrido antes) e acidentes domésticos (quedas, cortes, machucados, mordidas de animais, picadas ou ferroadas de animais peçonhentos, intoxicação e queimaduras) pelas crianças. Os dados foram coletados de agosto a setembro de 2020. Após coleta dos dados, estes foram importados da plataforma *Google Forms* como planilha do software Excel 2010. No software RStudio1.3 (RStudio Team Corp., Boston, USA) foi feita análise descritiva com as frequências relativas e absolutas dos dados, considerando intervalo de confiança de 95%.

3.RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um total de 255 respondentes compõem a amostra final. Destes, 229 constituíram o grupo Redes Sociais e 26 o grupo UBS. Nos dois grupos, a maioria dos entrevistados era do sexo feminino, representando mais de 92% dos participantes. Em ambos os grupos, a maioria era de raça ou etnia branca ou amarela (92,1%) e residia em área urbana (96,8%). A maior parte dos entrevistados eram da Região Sul (90,9%). O nível de escolaridade dos entrevistados foi diferente entre os dois grupos, com grande proporção relatando 12 anos ou mais ou educação no grupo de mídia social (91,3%) enquanto 50% do grupo UBS referiram ter entre 8 e 12 anos de estudo, padrão semelhante encontrado na faixa etária dos respondentes, onde a maioria do grupo UBS tinha idade entre 20-25 anos (46,1%) e do grupo redes sociais entre 36-45 anos



(50,2%). Em relação a renda anterior à pandemia, 54,2% dos participantes do grupo UBS relataram 1-2 salários mínimos mensais em comparação com 63% do grupo entrevistado a partir de redes sociais que relatou rendimentos de 5 ou mais salários mínimos mensais. Enquanto 42,3% dos entrevistados no grupo UBS relataram que a renda diminuiu durante a pandemia, 44,29% dos entrevistados no grupo Rede Social relatou que a renda não mudou. Além disso, 73,1% dos participantes do grupo UBS relataram ter recebido auxílio do governo, que foi relatado por apenas 18,7% dos entrevistados no grupo Redes Social.

Considerando os resultados do bloco de maus-tratos e acidentes domésticos, 60% dos respondentes reportaram que alguma criança de 0 a 12 anos sofreu algum tipo de acidente doméstico. 61,6% dos respondentes reportaram que as crianças caíram, 33,9% machucaram-se com algum objeto, 15,4% cortaram-se e 17,7% foram mordidos por algum animal doméstico. A maioria das crianças que se cortou tinha entre 3 e 5 anos (42,1%), a maioria das que caíram tinham entre 0 e 2 anos de idade (60% no grupo UBS e 48,62% no grupo Redes Sociais). Padrão semelhante foi observado com “machucar-se com algum objeto”, onde na faixa etária de 0 a 2 anos, 75% do grupo UBS e 50% do grupo Redes Sociais reportou ter sofrido este acidente e em “Ser mordido por algum animal doméstico”, onde a maioria das crianças tinham entre 0-2 anos e 3-5 anos de idade nos dois grupos. Considerando os demais tipos de acidentes, intoxicação por algum medicamento ou produto, queimadura e picada ou ferroadada por animal peçonhento, estes foram pouco reportados pelos entrevistados. Como pode ser observado neste estudo, o cuidado com crianças de 0 a 5 anos de idade é crítico, principalmente por ser a faixa etária que está em desenvolvimento de coordenação motora e mobilidade, além do comportamento exploratório (UNGLERT, SIQUEIRA, CARVALHO, 1987). Desta forma, pais e cuidadores devem estar atentos com os movimentos das crianças, reduzindo a exposição destas a objetos e locais que podem ser causadores de acidentes, ainda mais em período de maior presença em casa das crianças (SAVE THE CHILDREN, 2020). Neste estudo, a faixa etária de 6-8 anos e de 9-12 anos teve um pequeno reporte de acidentes.

Em relação a abuso físico, abuso psicológico e negligência, no grupo UBS apenas 8% dos respondentes reportaram que haviam visto ou presenciado alguma negligência com alguma criança e que isso não havia ocorrido antes do distanciamento. Já no grupo redes sociais, 6,3% relataram ter presenciado algum abuso físico, 9,8% abuso psicológico no distanciamento com alguma criança e 68% reportaram que abuso havia ocorrido antes do distanciamento. Considerando negligência, 1,3% reportou que isso ocorreu no isolamento e destes, 1/3 reportou que havia ocorrido antes. Nos dois grupos observam-se importantes resultados, que devem ser interpretados com cuidado. O grupo UBS teve apenas negligência reportada, que não havia ocorrido antes e, o grupo Redes Sociais teve mais episódios envolvendo abuso físico e psicológico no distanciamento, que já haviam ocorrido. Esses dados fortalecem o alerta sobre episódios de violência contra as crianças durante o distanciamento e maior presença destas em casa (SAVE THE CHILDREN, 2020). Adicionalmente, estudo anterior observou um aumento importante em internações infantis devido a traumas não-acidentais de cabeça durante o período de recessão entre 2007 e 2010, reforçando o alerta sobre a intersecção de períodos de crise e violência contra crianças (HUANG et al., 2011).

Como limitações deste estudo podem ser apontados o autorreporte de maus-tratos e acidentes domésticos, além do desenho transversal e a baixa taxa de resposta, principalmente no grupo UBS. Entretanto, este estudo serve de alerta



sobre situações de maus-tratos infantis e de acidentes domésticos que podem comprometer a saúde física e mental, assim como o desenvolvimento das crianças a longo prazo. Desta forma, mais estudos são necessários, assim como medidas imediatas de enfrentamento a estes eventos, protegendo a infância das crianças e futuro da sociedade.

4. CONCLUSÃO

Apesar das limitações do estudo, conseguimos identificar que a pandemia afetou a população de formas diferentes e observamos o impacto do distanciamento social na vida das crianças, principalmente relacionado a acidentes domésticos e maus-tratos. Neste estudo podemos observar que mais de 60% das crianças sofreram algum tipo de acidente doméstico independente da faixa etária e que apesar do questionário ser em desenho de autorreporte houveram relatos de maus-tratos infantis durante a pandemia. Isso demonstra a necessidade de medidas públicas, coletivas e individuais que podem ser adotadas na tentativa de manter a estabilidade e estruturação do ambiente doméstico, a fim de evitar o ambiente caótico e estressor e oferecer suporte e segurança às crianças.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Saúde. Crianças na pandemia COVID-19. Acessado em 00 de setembro de 2020. Online. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/41182/2/CartilhaCrianca%cc%a7as_Pandemia.pdf

BRASIL, Ministério da Saúde. Violência doméstica e familiar no COVID-19. Acessado em 24 de setembro de 2020. Online. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/41121/2/Sa%c3%bade-Mental-e-Aten%c3%a7%c3%a3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-viol%c3%aancia-dom%c3%a9stica-e-familiar-na-Covid-19.pdf> (HUANG *et al.*, 2011)

HUANG, M. I.; O'Riordan, M. A.; Fitzenrider, E.; McDavid, L.; Cohen, A. R.; Robinson, S. Increased incidence of nonaccidental head trauma in infants associated with the economic recession: Clinical article. **Journal of Neurosurgery: Pediatrics**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 171–176, 2011.

MARQUES, E. S.; MORAES, C.L.; HASSELMANN, M. H.; DESLANDES, S. F.; REICHENHEIM, M. E. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.36, n.4, p.1-6, 2020.

SAVE THE CHILDREN. Global response plan to COVID-19. Acessado em 24 de setembro de 2020. Online. Disponível em: <https://resourcecentre.savethechildren.net/library/save-childrens-global-response-plan-covid-19-protecting-generation-children>

UNGLERT, C. V. S.; SIQUEIRA, A. A. F.; CARVALHO, G. A. Características epidemiológicas dos acidentes na infância. **Rev. Saúde Pública**, S. Paulo, v.21, n.3, p. 234-245, 1987.